

## A POÉTICA DE CONCEIÇÃO LIMA E SUA VIAGEM ENTRE MUNDOS

Simone Pereira Schmidt (UFSC-CNPq)

### RESUMO

Tomando o motivo da viagem como chave de leitura da poética de Conceição Lima, o artigo busca discutir alguns temas abordados pela autora são-tomense, nomeadamente a memória colonial, a diáspora e os projetos libertários para os países africanos.

**Palavras-Chave:** Conceição Lima; poesia contemporânea; poesia africana de língua portuguesa; autoria feminina; memória colonial.

### ABSTRACT

Taking travel as a leitmotiv in Conceição Lima's poetic, this article discusses some issues addressed by the São Tomé author, namely the colonial memory, the diaspora and libertarian projects for African countries.

**Keywords:** Conceição Lima; contemporary poetry; poetry of Lusophone African countries; women writers; colonial memory.

“Toda a ilha apela/ Toda a ilha é viúva”. Com estes versos do escritor haitiano Jacques Roumain a servir de epígrafe, a poetisa são-tomense Conceição Lima inicia seu primeiro livro, *O útero da casa*<sup>1</sup>. Útero, casa e ilha são três lugares metonímicos, como afirma Inocência Mata (2004, p. 11-15), que traçam um percurso desde o mais íntimo do sujeito – sujeito esse que já de saída se mostra um sujeito feminino – prolonga-se no espaço da casa e se estende até a ilha, casa-pátria constantemente revisitada. Dizendo melhor, trata-se de uma casa-mátria, como se lê no título dado ao primeiro poema do livro: precisamente, “Mátria”:

Quero-me desperta  
se ao útero da casa retorno  
para tactear a diurna penumbra  
das paredes  
na pele dos dedos reviver a maciez dos dias subterrâneos  
os momentos idos (...) (UC, p. 17)

Ainda segundo Inocência Mata (2004, p. 12), “Logo nos primeiros poemas, Mátria e casa instituem-se como signos equivalentes na busca de um sentido protetor, de um lugar matricial em que assenta a busca da utopia e do sonho”.

Se toda a ilha apela, é porque, voltada para fora de si, para a vastidão do mar que a cerca de caminhos, toda a ilha está sempre a convocar rotas de chegadas e de partidas, a sonhar percursos de fuga, a devolver à praia aqueles que se foram e retornam. Esse constante caminho de idas e voltas, o mar imenso aberto em torno do território que transborda de seu pequeno tamanho e de seu isolamento, todo esse imaginário transforma a ilha na evocação de uma viagem.

É sabido que o tema da viagem acompanha o imaginário que povoa toda ilha, mas isso se torna especialmente verdadeiro quando se fala de São Tomé e Príncipe, pequenas ilhas da costa ocidental africana, marcadas em sua história pela chegada de viajantes. Desabitada até o início do período colonial, São Tomé foi inicialmente povoada por degredados da Corte portuguesa, depois por africanos escravizados. Aos poucos, viajantes vindos dos dois continentes foram deitando raízes e fazendo crescer a produção do açúcar, depois o cultivo do café e do cacau. Abolido o comércio de escravos, no fim do século XIX, os portugueses souberam inventar outras formas mais novas e igualmente perversas de escravidão, através do envio de trabalhadores contratados, oriundos de países africanos como Angola e Cabo Verde, para as lavouras de São Tomé. Olhando para essa história de sofridas chegadas de viajantes – exilados, degredados, escravos, contratados – para quem “toda a ilha era um porto e uma estrada/sem regresso” (UC, p. 40), Conceição Lima sintetiza em seus versos o drama inteiro dessas vidas, e também o drama de sua casa-mãtria, ao dizer:

E nas roças ficaram pegadas vivas  
como cicatrizes – cada cafeeiro respira agora um  
escravo morto. (UC, p. 40)

Nessas ilhas marcadas desde sempre pelo movimento incessante de idas e vindas, pelo mar onde se inscrevem como pequenos territórios a evocar histórias de trabalho, sofrimento e morte; nas ilhas que são pequenos fragmentos de África voltados para o Sul, como diz a poetisa, vemos desdobrar-se o motivo da viagem em pelo menos três dimensões: no tempo, em direção ao passado de São Tomé, na diáspora, atravessando territórios e continentes, e na utopia de uma nação africana, trans-histórica, global e cosmopolita.

A seguir falarei brevemente de cada um desses desdobramentos do motivo da viagem, atribuindo a cada uma de suas dimensões um nome: Viagem ao tempo dos mortos; Viagem da diáspora e Viagem à terra da utopia.

## 1 Viagem ao tempo dos mortos

Em março de 2011, Conceição Lima protagoniza um episódio da série “Eu sou África”, produzida pelo canal português RTP<sup>ii</sup>. Entre as muitas paisagens de sua ilha que percorre e descreve, a escritora escolhe mostrar a Praia de Fernão Dias, cenário de um dos mais terríveis episódios vividos pelos são-tomenses: o massacre de Batepá, em fevereiro de 1953. Sendo seu próprio pai um sobrevivente desse violento episódio, quando o governo português tentou pela força impor o trabalho escravo aos cidadãos livres da ilha, a poetisa nos situa frente ao lugar onde centenas de vidas foram sacrificadas. À beira do mesmo mar que testemunhou as mortes, ela lê seu poema, “Mostra-me o sangue da lua”, que relata o episódio:

Mostra-me o sangue da lua  
agora que os mortos repousam  
em arcas marinhas  
abertas

Mostra-me o sangue da lua  
agora que a praia cuspiu  
a náusea do mar  
e o nojo das rochas  
petrifica os gritos que não ouvi

Mostra-me o sangue  
o sangue e as veias da lua  
quando as línguas decepadas  
ressuscitarem  
em Fernão Dias no mês de Fevereiro. (UC, p. 29)

Logo depois de ler o poema, Conceição Lima fala da importância daquele lugar, “que grava a memória desta tragédia”, e é nesse momento que o vento carrega o livro em direção ao mar, onde ele afunda e se perde. Surpreendida pelo estranho acaso, a escritora comenta: “Os mortos pediram o livro”. A cena e seus significados evocam, de certo modo, as conhecidas “Teses sobre o conceito de história”, de Walter Benjamin (1987). Em primeiro lugar, pela presença dos mortos, cuja memória viva jaz na praia, e cuja força simbólica arranca o poema das mãos dos vivos em direção ao fundo do mar, mar onde “o nojo das rochas/ petrifica os gritos que não ouvi”. Os mortos que convocam os vivos, que clamam pela palavra redentora da poesia. É esta a segunda evocação das teses de Benjamin: a necessidade de salvação do passado, pois, como disse o pensador alemão, “existe um encontro secreto, marcado entre as gerações precedentes e a nossa” (BENJAMIN, 1987, p. 223), e “a cada

geração, foi-nos concedida uma frágil força messiânica para a qual o passado dirige um apelo” (p. 223). Apelo esse a que a poetisa sabe bem ter de responder, por entender que os mortos pedem o livro, e também por perceber que “Os mortos que morreram sem perguntas/ regressam devagar de olhos abertos/ indagando por suas asas crucificadas” (UC, p. 23). Pois, como disse Benjamin (1987, p. 224), nem mesmo os mortos estarão a salvo se o inimigo vencer, “E esse inimigo não tem cessado de vencer”.

## **2 Viagem da diáspora**

Como muitos de sua geração, Conceição Lima formou-se na diáspora, mais precisamente, no trânsito entre São Tomé, de onde parte e para onde sempre retorna, e a Inglaterra, onde estuda, forma-se e depois passa a atuar como jornalista da BBC de Londres. Ser e não ser, pertencer e não pertencer, partir e voltar, distâncias percorridas, mares atravessados, dilemas intensamente vividos pelos caminhos dos que partem e passam a viver, como assinalou Edward Said (2003, p. 59), em contraponto:

A maioria das pessoas tem consciência de uma cultura, um cenário, um país; os exilados têm consciência de pelo menos dois desses aspectos, e essa pluralidade de visão dá origem a uma consciência de dimensões simultâneas, uma consciência que – para tomar emprestada uma palavra da música – é contrapontística.

Em depoimento sobre seu constante movimento entre os dois lugares, a escritora evoca a epígrafe de seu primeiro livro (os versos de Jacques Roumain): “Toda ilha apela/ toda ilha é viúva”. E explica: “a ilha apela ao continente. Talvez esse apelo com que o mar convoca o ilhéu tenha me levado a desejar partir, mas nessas partidas, a ilha foi sempre comigo” (LIMA, 2011). Se por vezes o afastamento da casa-mátria se torna penoso, fazendo se acentuar a amargura da recordação de tudo que perdeu, por outro lado a distância acentua aquilo que de mais valioso lhe foi legado pelas ilhas a que pertence, como vemos no poema “Inegável”, de *A dolorosa raiz do micondó*:

Por dote recebi-te à nascença  
e conheço em minha voz a tua fala.  
No teu âmago, como a semente na fruta  
o verso no poema, existo.

Casa marinha, fonte não eleita!  
A ti pertenço e chamo-te minha

como à mãe que não escolhi  
e contudo amo. (LIMA, 2012a, p. 54)

Entendendo a amargura de certos poemas como resultado de “um arquivo de memórias e sensações”, que Bruno Gaudêncio identifica na poética de Conceição Lima como “a rememoração de lugares íntimos, de pessoas próximas, causando um ‘imaginário territorial’, numa cartografia sentimental, onde o traço político se efetiva” (GAUDÊNCIO, 2012). A amargura percebida pelo crítico pode talvez ser melhor entendida como um traço de melancolia, típico daqueles que reconstróem simbolicamente a experiência que constatam irremediavelmente perdida. Ao eleger casa, ilha, pátria, como lugares de celebração do vivido e perdido, a poetisa constrói lugares de memória no sentido atribuído por Pierre Nora (1981), para quem esses *lugares* encenam a falta efetiva da memória viva. Em outras palavras, no dizer do historiador francês, “se vivêssemos verdadeiramente as lembranças que eles [os lugares] envolvem, eles seriam inúteis. E se, em compensação, a história não se apoderasse deles para deformá-los, transformá-los, sová-los e petrifica-los, eles não se tornariam lugares de memória” (NORA, 1981, p. 13).

Margarida Paredes e Jessica Falconi acentuam, nesse percurso diaspórico da autora são-tomense, seu empenho por entrelaçar à sua própria biografia as raízes históricas e culturais de sua ilha-casa-pátria, como podemos observar neste trecho:

O que lemos na sua poesia são paisagens do “eu” e da nação e os múltiplos fios que ligam a representação da identidade à representação do espaço, ela própria construída numa multiplicidade de dimensões que abrangem relações sincrônicas entre vários grupos sociais e relações diacrônicas entre diferentes gerações de “são-tomenses”. (PAREDES; FALCONI, 2006, p. 8).

É nesse sentido – da experiência da diáspora não somente como separação e perda, mas também como aprendizagem de afeto e de expansão da consciência através da vivência em contraponto – que a autora nos conduz à terceira dimensão da viagem que podemos ler em sua poesia.

### **3 Viagem à terra da utopia**

A terra da utopia a que faço aqui referência pode ser entendida através da metáfora contida no título dado ao seu terceiro livro de poemas, *O país de Akendenguê*<sup>iii</sup>. O título do livro homenageia o músico, filósofo e poeta pan-africanista gabonês Peirre Claver

Akendenguê<sup>iv</sup>. Ao prestar sua homenagem a esta figura lendária da música africana, a autora se dedica a saudar muitos outros nomes do universo da língua portuguesa, fazendo do próprio exercício poético uma viagem ao interior do projeto utópico sintetizado nos princípios do pan-africanismo, que o mesmo Akendenguê representa.

Conforme encontramos na matéria dedicada ao lançamento do livro, O “país de Akendenguê” metaforiza a África e retalha a vivência poética de Conceição Lima desde a adolescência até ao presente. “É também um espaço de recolha e de contatos através de versos com aqueles a autora apelidou de ‘fantasmas elementares da história política e cultural africana’”<sup>v</sup>. Nos retalhos que vai somando e justapondo, homenageia figuras fundamentais dessa história, e também do sonho de libertação, mas acima de tudo, da utopia de uma grande nação pan-africana. É assim que no livro comparecem os nomes de Kwame Nkrumah, Amílcar Cabral, Francisco José Tenreiro. Segundo a autora, o livro é uma viagem que parte da ilha e regressa à ilha, atravessando muitos territórios, continentes, e atravessando a própria África: “A ilha que sou eu, antes de tudo, [...] apela ao arquipélago, aos arquipélagos, ao continente e aos continentes” (LIMA, 2011).

Segundo Margarida Paredes e Jessica Falconi,

Ao por o projeto da nação a dialogar com o pensamento panafricanista, Conceição Lima recompõe na sua obra poética a densidade histórica e política desse espaço insular que pode constituir hoje um paradigma fecundo para a reflexão sobre os processos identitários contemporâneos em geral e africanos em particular (PAREDES; FALCONI, 2006, p. 9).

Assim, através do movimento de distanciamento e de aproximação, dos percursos próprios da rota diaspórica, o sujeito poético pode reconciliar dentro de si “o passado que não se apaga” e “o presente que está sempre a ser reconstruído” (LIMA, 2011), como diz a escritora. E a reinvenção de seu pertencimento à ilha passa por tudo isso: pela distância, pela evocação da memória dos mortos, pela reconstrução do presente e, também, pela demanda de um novo pensamento sobre a África, que estenda sua compreensão em direção ao passado deste vasto continente, desde sempre “intersectado por muitos mundos”, aberto às viagens e ao conhecimento, povoado, trilhado e pulsante de culturas milenares. E, ainda, um novo pensamento sobre a África que se projete em direção a um tempo que enterre em definitivo seus mortos (os quais, assim, poderão viver para sempre) e, junto com ele, a sombra do passado colonial.

Como afirmou Helder Macedo (2012, p. 7), “O país de Conceição Lima é uma ilha. Mas afinal todos os continentes são ilhas, ou partes de ilhas, o mundo é feito de ilhas. A sua ilha é São Tomé, ponto de partida e de chegada numa viagem entre a memória e o desejo.

Ao percorrer esse caminho de partida e de chegada, a poetisa encerra seu terceiro livro, *O país de Akendenguê*, com um poema que traz em seu título, “Circum-Navegação”, a síntese metafórica da empresa colonial:

Os homens regressam  
Carregados de cidades e distância.

Adormecem os grilos.  
Uma criança escuta a concavidade de um búzio.

Talvez seja o momento de outra viagem  
Na proa, decerto, a decisão da viragem.

Aqui se engendram alquimias  
Lentos hinos bordados em lacerações  
Sossegaram os mortos  
Há grutas e pássaros de fogo  
Rebentos de incômodos recados.

O difícil ofício de lavrar a paciência.  
Acontece a arte da viagem  
Tanta aprendizagem de leme e remendo...

É quando o olho imita o exemplo da ilha  
E todos os mares explodem na varanda. [PA, 106-107].

Através desse poema – como, aliás, em muitos outros “lugares de memória” evocados por sua palavra poética – Conceição Lima realiza, num projeto elaborado desde sua obra inaugural, a contranarrativa da viagem, mítica e histórica, dos colonizadores, e nos oferece outra viagem que é sua (mas também de seu país e de seu continente), feita de memória e de desejo.

### **Referências:**

BENJAMIN, Walter. Teses sobre o conceito de História. In: \_\_\_\_\_. *Obras escolhidas*. Vol. 1. *Magia e técnica, arte e política*. Ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 222-232.

GAUDÊNCIO, Bruno. Conceição Lima e a linguagem-morada. *Literatas* – Revista de Literatura Moçambicana e Lusófona, dez. 2012. Disponível em: <http://revistaliteratas.blogspot.com.br/2012/12/conceicao-lima-e-linguagem-morada.html>. Acesso em 15 mar. 2015.

LIMA, Conceição. *O útero da casa*. Lisboa: Caminho, 2004.

\_\_\_\_\_. *A dolorosa raiz do micondó*. São Tomé e Príncipe: Lexonics, 2012a.

\_\_\_\_\_. *O país de Akendenguê*. São Tomé e Príncipe: Lexonics, 2012b.

\_\_\_\_\_. Eu sou África, *RTP*, Lisboa, 2011. Entrevista concedida à Rádio e Televisão de Portugal. Disponível em: <http://www.rtp.pt/play/p663/e40977/eu-sou-africa>. Acesso em 15 mar. 2015.

MACEDO, Helder. Prefácio. In: LIMA, Conceição. *O país de Akendenguê*. São Tomé e Príncipe: Lexonics, 2012. p. 7-19.

MATA, Inocência. Apresentação. In: LIMA, Conceição. *O útero da casa*. Lisboa: Caminho, 2004. p. 11-15.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História: Revista do programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP*, São Paulo, n. 0, p. 7-28, 1981.

PAREDES, Margarida; FALCONI, Jessica. Conceição Lima e Inocência Mata, dois lados da moderna travessia literária sãotomense. *Observatório Afrolatino*, 2006. Disponível em: <<http://afro-latinos.palmares.gov.br>>. Acesso em 20 mar. 2015.

SAID, Edward W. Reflexões sobre o exílio. In: \_\_\_\_\_. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 46-60.

#### **Acesso online:**

VOZ DA AMÉRICA, 2015. Disponível em: <http://www.voaportugues.com/content/article-04-08-11-arts-entertainment-119490459/1260012>

---

<sup>i</sup> LIMA, Conceição. *O útero da casa*. Lisboa: Caminho, 2004. Na sequência do texto, as referências a este livro serão identificadas pelas iniciais UC, seguidas do número da página.

<sup>ii</sup> Disponível em <http://www.rtp.pt/play/p663/e40977/eu-sou-africa>.

<sup>iii</sup> LIMA, Conceição. *O país de Akendenguê*. São Tomé e Príncipe: Edição especial, 2012 b. Na sequência do texto, as referências a este livro serão identificadas pelas iniciais PA, seguidas do número da página.

<sup>iv</sup> Conforme se lê em <http://www.voaportugues.com/content/article-04-08-11-arts-entertainment-119490459/1260012.htm>, Akendenguê, em sua longa carreira, soma 19 trabalhos discográficos dos quais o primeiro álbum - Nandinpo - de 1974, consta entre os 50 álbuns essenciais da música africana da *World Music Vibrations*, uma revista franco-suíça sobre música. Akendenguê sempre somou sucessos que o fazem uma figura lendária e uma das maiores referências da música africana.

<sup>v</sup> Cf. <http://www.voaportugues.com/content/article-04-08-11-arts-entertainment-119490459/1260012.htm>.